

ARTE E COMEMORAÇÕES: ESTRATÉGIAS DE DIFUSÃO DAS IDEIAS POSITIVISTAS NOS PRIMEIROS ANOS DA REPÚBLICA NO BRASIL



ART AND CELEBRATIONS: STRATEGIES TO DISSEMINATE POSITIVE VIEWS IN THE FIRST YEARS OF THE REPUBLIC IN BRAZIL

Vol. 13 Número Especial

Jul/Dez. 2017

Ahead of Print

Elisabete Leal¹

RESUMO: Pontua a trajetória artística e obras dos artistas positivistas Eduardo de Sá e Décio Villares. Esse último, principalmente, teve grande participação nos debates que envolveram o mundo artístico neste período de transição para a República e contribuiu largamente para a fatura de obras artísticas de políticos republicanos. Discute a colaboração para a divulgação das ideias republicanas e para a criação de um repertório visual do panteão nacional. Apresenta-se algumas de suas obras e o perfil de alguns de seus encomendantes. A Arte positivista tinha um sentido pragmático e não de pura contemplação estética. Por ser uma das formas de operacionalização da memória e da emoção, a Arte era vital para o culto cívico que se pretendia popularizado, no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Positivismo; República; arte

ABSTRACT: It marks the artistic trajectory and works of the positivist artists Eduardo de Sá and Décio Villares. The latter, especially, had a great participation in the debates that involved the artistic world in this period of transition to the Republic and contributed a lot to the invoice of artistic works of republican politicians. It discusses collaboration for the dissemination of republican ideas and for the creation of a visual repertoire of the national pantheon. He presents some of his works and the profile of some of his commissioners. Positivist Art had a pragmatic sense and not pure aesthetic contemplation. Because it was one of the ways of operationalizing memory and emotion, Art was vital to the civic cult that was popularized in Brazil.

KEYWORDS: *Positivism; republic; art*

¹Doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professora Associada da Universidade Federal de Pelotas – U F P e L . E - m a i l : elisabeteleal@gmail.com

Este texto é uma condensação da pesquisa realizada

para minha tese de doutorado, defendida em 2006 na UFRJ, no qual analisei as trajetórias artísticas e obras dos artistas positivistas Eduardo de Sá e Décio Villares. Esse último, principalmente, teve grande participação nos debates que envolveram o mundo artístico neste período de transição para a República e contribuiu largamente para a fatura de obras artísticas de políticos republicanos. Em função das intervenções de Villares e preocupada em analisar esse período de transição política é que me dediquei a pesquisar este ambiente de euforia patriótica comemorativa e adesismos ao regime e como isso foi expresso pelo artista por meio de objetos visuais (LEAL, 2006a).

Villares ingressou na Academia Imperial de Belas Artes em 1868. Abandonou-a após dois anos de estudos e partiu em 1872 para estudar Artes em Paris, frequentando o atelier de Alexandre Cabanel. Sua formação artística foi acadêmica, de influência sobretudo neoclássica, como a da maioria dos estudantes de Arte no Brasil, naquela época.

Villares tomou contato com a doutrina positivista quando estudava arte em Paris. Lá conheceu o positivista brasileiro Miguel Lemos que estava na cidade entre 1878 e 1881 e que por lá também se convertera ao positivismo religioso difundido pelo positivista francês Pierre Laffitte. Quando voltou ao Brasil em 1881, o artista reencontrou Teixeira Mendes que havia sido seu colega do Colégio Pedro II. Os laços de amizade com ambos os líderes da futura Igreja Positivista do Brasil – doravante denominada IPB, lhe garantiu o posto de pintor e escultor oficial da mesma, ornamentando os templos no Rio de Janeiro, em Porto Alegre e em Paris. Se Villares já se considerava um positivista quando retornou ao Brasil, isto não fica evidente em sua obra e em seus escritos antes de 1888.

Somente a partir da exposição de um quadro sobre a abolição da escravidão, que Villares diz ter recorrido ao Centro Positivista, pois lhe faltavam “luzes” para elaborar a síntese da tela é que o artista assumiu de forma pública sua ligação com o Clube e Igreja Positivista e que passou a imprimir à sua obra os conceitos da estética comtiana. Nota-se no texto de divulgação do esboço do quadro, conquanto não houvesse uma tentativa de conceituação de estética, que Villares já estava seguindo o processo estético positivista composto por imitação, idealização e expressão, no qual o artista concebe a ideia da obra, os “filósofos” aperfeiçoam-na, e o artista novamente atua executando o quadro, pois, nesse trabalho conjunto, apenas ele tem as habilidades técnicas para isso. Neste folheto, Villares expressa claramente que seu quadro seguiria a doutrina inspiradora de Augusto Comte (VILLARES, 1888).

A proposição deste quadro foi a primeira demonstração pública do artista de que recebia orientação doutrinária de Miguel Lemos e Teixeira Mendes. Isto ocorreu em maio de 1888. A partir desse ano, passou cada vez mais a produzir trabalhos com temática política, inclusive aperfeiçoando-se na escultura, o que o tornaria um artista positivista mais completo. A admissão pública do positivismo por parte de Villares coincidiu com a chegada da República ao Brasil e a demanda de obras de arte que inspirassem os sentimentos patrióticos, um tipo de arte encomendada por variados grupos políticos em ação e embate nesse início de regime, entre eles os da Igreja Positivista.

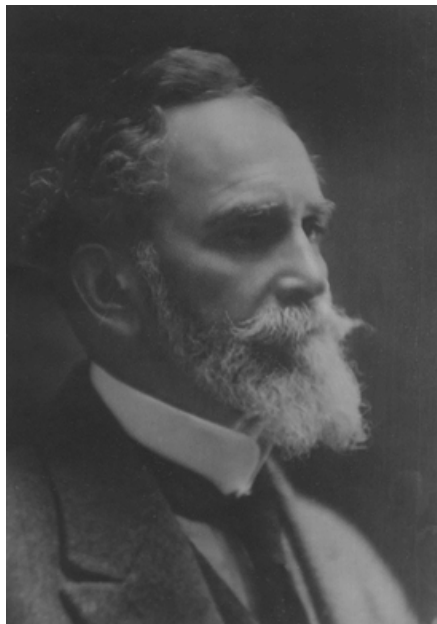


Figura 1 – Fotografia de Décio Villares com cerca de 40 anos (atribuição da autora) Fonte: Acervo da Igreja Positivista do Brasil/RJ

Sua plena integração ao meio artístico, além de sua muito boa habilidade técnica na pintura e escultura, conforme seus críticos, serviu de todo aos postulados positivistas para a produção de uma Arte que visasse à mobilização de sentimentos cívicos para com heróis nacionais, cuja personalidade e caráter deveriam ter também expressividade plástica. Saber pintar retratos e esculpir bustos, não mais de mulheres requintadas, como fazia com grande qualidade pictórica segundo a crítica da época, mas agora de heróis republicanos, eram habilidades vantajosas para Villares, mesmo o artista perdendo *status* em seu círculo à medida que se aproximava e se apropriava do positivismo e se dedicava à produção de uma Arte cívica republicana.

A literatura existente sobre a presença e o alcance do positivismo na cultura política republicana brasileira é paradoxal. Se em um primeiro momento afirmava-se que havia ideias positivistas a influenciar grande parte das ações de políticos, intelectuais e militares, entre outros, na Primeira República, atualmente, a historiografia tende a ou minimizar a influência desta filosofia política ou negá-la completamente. Percebi que nos primeiros anos republicanos houve um crescente desejo de participação política dos brasileiros mais intelectualizados, a que se somou uma explosão do sentimento cívico-patriótico. Os positivistas da IPB contribuíram muito para isso, no entanto nem todas as atividades patrióticas eram positivistas. Abundavam estilos de manifestação política organizada e representativa de diferentes grupos, que produziam imagens de si e de seus homenageados.

Mesmo um século depois, a crescente laicização a partir da Revolução Francesa e o desenvolvimento do culto aos grandes homens, no lugar dos ritos católicos e reais, pautou ações políticas no Brasil. Esse movimento demonstra uma profunda crise nos princípios religiosos cristãos, na associação unívoca entre o poder espiritual e o político e na proposição de soluções religiosas alternativas ao cristianismo. Incrementavam-se religiões laicas e

cívicas, voltadas ao culto da Humanidade, do Grande Ser, da Razão, da Ciência, que estimulavam os sentimentos de coletividade, de sociabilidade civil, de fraternidade entre os povos e de regeneração social e moral.

A Religião da Humanidade proposta por Comte era composta por um culto privado ou doméstico e um culto público ou coletivo, destinado a celebrar a Humanidade e seu passado histórico. Ao propor uma unidade social tendo por base o passado, a religião positiva

visa constituir uma sociedade civil mundial regulada de maneira ética (e não jurídica) pelos sentimentos compartilhados por todos, por um novo estado dos costumes, um conjunto de crenças refletidas, no limite do que designamos usualmente por religião, moral, política. (GRANGE, 1996, p. 397).

Como tal religião está baseada no passado dos indivíduos, das comunidades, da nação, as formas de lembrar são fundamentais, seja mental ou materialmente. As comemorações em atividades públicas cívicas ou culturais, exaltando os grandes homens que contribuíram positivamente para a história da Humanidade, ou a construção de prédios públicos destinados a desenvolver a cultura, a confecção de monumentos, estátuas, bustos, fazem parte das estratégias de ação religiosa. Em suma, a vida social, que estimula a lembrança do passado e as diferentes formas de celebrá-lo, é o próprio culto da Humanidade.

Os positivistas também estimulavam as atividades cívicas, fora dos templos. As comemorações públicas ou culturais, exaltando os grandes homens que contribuíram positivamente para a história da humanidade, a construção de prédios públicos dedicados a fins culturais e a confecção de monumentos públicos, estátuas, bustos, bandeiras, mausoléus fúnebres, faziam parte da estratégia de ação religiosa com fins políticos, fora dos templos. Para Grange (1996, p. 402) “O espaço inteiro da cidade será a comemoração, a adoração da Humanidade pela nomenclatura de ruas, tecendo no espaço o Calendário Positivista.”

A vida pública e coletiva, que estimulasse a lembrança do passado da Pátria e as diferentes formas de celebrá-lo, integrava também o culto da Humanidade. Essa proposta de vida social e cultural visava criar uma unidade simbólica entre os cidadãos. Era o conhecimento do passado, da história, que uniria os homens, e a Arte era um dos caminhos para isto.

É a arte, que não é arte somente no sentido da estética, que permite dar uma identidade imaginária ao coletivo. Esta identidade se expressa aos olhos de todos de uma maneira indireta em um grande número de formas de expressão: estátuas e monumentos, nomes de ruas e obras de arte. (GRANGE, 2000, p. 237).

Os positivistas brasileiros procuraram implementar esse culto – doméstico e no Templo – e também o culto pátrio, estimulando a realização de celebrações cívicas e se esforçando para definir um panteão de heróis, não somente de brasileiros. Propor os decretos da bandeira e do calendário, sugerir um projeto de Constituição republicana, publicar artigos nos jornais cobrando atitudes do governo faziam parte da vivência religiosa do positivista. Intervir politicamente e influenciar a opinião pública eram estratégias de ação religiosa que, no Brasil, com uma República recém-nascida, encontravam um campo promissor (LEAL, 2006).



Figura 2 – Fotografia de um Altar Cívico montado em Porto Alegre
Fonte: Acervo da Capela Positivista de Porto Alegre

A Figura 2 mostra um altar cívico montado na Capela Positivista de Porto Alegre, por ocasião de uma Festa Cívica. Destacam-se os bustos em gesso policromado de Deodoro da Fonseca, Benjamin Constant, José Bonifácio, Tiradentes e Floriano Peixoto, todos de autoria de Villares.



Figura 3 – Fotografia de um Altar Cívico montado no Rio de Janeiro
Fonte: Acervo da Igreja Positivista do Brasil/RJ

Vê-se na Figura 3 a integração de elementos de culto religioso e cívico, como a presença do Altar da Humanidade, em madeira, com um quadro à óleo de Clotilde de Vaux, de autoria de Décio Villares, e ao centro um busto de Auguste Comte. O Altar Cívico é composto por inúmeras bandeiras e pelos bustos de Cristóvão Colombo (à esquerda) e à direita, no primeiro plano, de José Bonifácio, Tiradentes e Benjamin Constant e no segundo plano, de Danton.

Aqui cabe um alerta: quando se faz referência a estas tentativas dos positivistas ortodoxos brasileiros de implementar um culto cívico no Brasil, não se está afirmando que, em termos oficiais, a Religião da Humanidade tenha sido assumida, mas que esse grupo de positivistas, entre eles Villares, se esforçou para influenciar o culto cívico republicano brasileiro, pois isso fazia parte de suas obrigações doutrinárias. Na verdade, a Religião da Humanidade foi assumida e vivenciada apenas por pouco mais de uma centena de brasileiros (LEAL, 1996).

Villares foi um artista que admitiu sua adesão à Religião da Humanidade, desejando casar na IPB, inclusive. Entre 1895 e 1905, recebeu uma pensão da Igreja, tendo como atribuições executar obras de Arte para o acervo, dar aulas de desenho aos filhos dos membros positivistas e coordenar os trabalhos artísticos e de decoração nas celebrações cívicas. Juntamente a estas atividades artísticas internas na IPB Villares assumiu o papel político de reformar o ensino artístico no Brasil. Em 30 de janeiro de 1890, propôs ao Governo Federal, conjuntamente com o pintor Aurélio de Figueiredo, um projeto de reforma de ensino artístico e de extinção da Academia de Belas Artes. O projeto era baseado na concepção comteana de estética e de ensino e não foi adotado pelo governo republicano (LEAL, 2008). Este projeto causou grande debate no meio artístico e inúmeras inimizades a Villares, porém este tinha outras redes de atuação profissional como artista, o que lhe garantiu algumas encomendas oficiais, embora seja equivocado dizer que era um artista oficial do governo republicano recém implantado.

Além da IPB, Villares teve outros assíduos encomendantes: jovens militares envolvidos nos embates para a manutenção da classe militar na Presidência da República, nos primeiros dez anos do regime. Alguns militares positivistas, como Agostinho Raymundo Gomes de Castro, Ximeno de Villeroy, Barbosa Lima, Tasso Fragoso, Aníbal Eloi Cardoso, procuraram intervir nos rumos do novo regime republicano por entenderem que o Brasil estava ávido por uma solução política civilizatória. Condizente com hábitos ritualísticos do exército, tal grupo entendia que as celebrações cívicas teriam papel pedagógico fundamental nesse projeto republicano e uso de obras de Arte nessas celebrações cívicas mobilizava as emoções patrióticas.

Por exemplo, a 5ª. Comemoração Cívica no aniversário de morte de Floriano Peixoto, em 1900, ocorreu com um préstito cívico nas ruas do Rio de Janeiro, composto por cinco andores com bustos de heróis republicanos brasileiros, cada andor tinha uma combinação de cores. No texto explicativo, não há referências ao positivismo, mas a justificativa histórica da ordem do préstito seguia a ideia positivista de continuidade histórica. Os bustos utilizados nesta festa cívica de rua, eram os mesmos referidos no acervo da Igreja Positivista.

1º. Andor – roxo-verde – Tiradentes

2º. Andor – verde-amarelo – José Bonifácio

3º. Andor encarnado-verde – Deodoro da Fonseca

4º. Andor – verde-branco – Benjamin Constant

5º. Andor – auri-verde – Floriano Peixoto

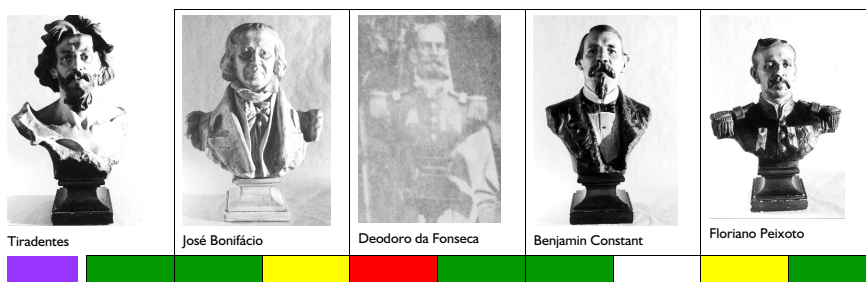


Figura 4 – Bustos em gesso policromado
Fonte: Acervo da Capela Positivista de Porto Alegre

A autoria dos bustos utilizados no préstito era de Décio Villares. Vimos que a IPB possuía em seu acervo tais obras e é possível que tenham sido emprestados para o evento. Os bustos usados nos préstitos eram normalmente de gesso, por serem mais leves e aceitavam pintura sobre sua superfície, mas também porque permitiam cópias, caso fosse danificados durante a cerimônia.

O investimento desses jovens militares positivistas e da IPB na constituição de um acervo artístico de cunho político republicano deu-se por razões doutrinárias. Como foi visto, a implementação do culto cívico era meta básica a ser desenvolvida. O culto eficiente, aquele que tocava no sentimento da população, que desenvolveria suas emoções cívicas e que a educaria para uma sociabilidade civil, necessitava ter por apoio a contemplação de imagens de heróis. A Arte positivista tinha um sentido pragmático e não de pura contemplação estética. Por ser uma das formas de operacionalização da memória e da emoção, a Arte era vital para o culto cívico que se pretendia popularizado, que no Brasil, conforme vimos neste texto, foi iniciativa de positivistas militares, da IPB e do artista Décio Villares.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Gomes de. **Culto Pátrio. Comissão Glorificadora do Marechal Floriano Peixoto**. 5ª. Comemoração Cívica. Rio de Janeiro. 29.06.1900.
- GRANGE, J. La religion positive. In: _____. **La Philosophie d'Auguste Comte: science, politique, religion**. Paris: PUF, 1996.
- GRANGE, J. Rôle social de l'arte e art social. In: _____. **Auguste Comte – la politique et la science**. Paris: Odile Jacob, 2000.
- LEAL, Elisabete e PEZAT, Paulo Ricardo. **Capela Positivista de Porto Alegre: acervo bibliográfico, documental e iconográfico**. Porto Alegre: SMC/Fumproarte; PPG/História-Ufrgs, 1996.
- LEAL, Elisabete. **O Calendário Republicano e a Festa Cívica do Descobrimento do Brasil em 1890: versões de história e militância positivista**. História. São Paulo, v. 25, p. 64-93, 2006.
- LEAL, Elisabete. **Filósofos em Tintas e Bronze: arte, positivismo e política na obra de Décio Villares e Eduardo de Sá**. Rio de Janeiro: PPGHis-UFRJ, 2006a.
- LEAL, Elisabete. “Queremos o fim da academia que não se ocupa das artes” – insubmissão e revolta da juventude artística na passagem para a República no Brasil. In.: CAVALCANTI, Ana Ma. Tavares; DAZZI, Camila e VALLE, Arthur (Orgs.). **Arte Brasileira do Império à**

Primeira República. Rio de Janeiro: EBA-UFRJ/Dezenove Vinte, 2008.

VILLARES, Décio. **Discurso pronunciado pelo pintor Décio Villares ao inaugurar os trabalhos de seu quadro commemorativo no dia 13 de maio de 1889.** Rio de Janeiro: Typ. Central, 1889. p. 5-6. Inventário Benjamin Constant/Museu Casa Benjamin Constant/RJ.

Recebido em: 23/03/2017

Aprovado em: 30/09/2017